

LITERATURA SURDA E PRÁTICAS INCLUSIVAS: UM UNIVERSO DE POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

Maria Daiane Pereira da Silva ¹

Maria Derliane Pereira da Silva ¹

Resumo: Através da literatura podemos aprender sobre determinadas culturas e períodos. Diante disso, afirmamos que é possível pensar em uma literatura inclusiva, que contemple os sujeitos nos quais se encontram a margem da sociedade no aspecto de inclusão. Nesse sentido, partiremos de duas indagações básicas nesta pesquisa: existe uma literatura surda? Caso a resposta seja sim, como apresentar essa literatura na sala de aula? Nessa perspectiva, apresentaremos o desenho “Min e as mãozinhas” como possibilidade de prática inclusiva na sala de aula, e, para isso, o presente trabalho terá como objetivo geral perceber a potencialidade da literatura surda como meio de inclusão. Portanto, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, que se baseia nos pressupostos teóricos de Brasil (1996), Brasil (2014), Karnopp (2006), Morgado (2011), Nichols (2016), Spence (2021), dentre outros autores. A partir das análises que foram realizadas nesta pesquisa, observou-se que o texto literário é capaz de contribuir para a inclusão acontecer na sala de aula e no âmbito social, podendo atuar na formação cidadã do aluno e no seu pensamento crítico.

Palavras-chave: Literatura surda; inclusão; cultura; identidade; Libras.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura faz parte do currículo escolar e se constitui um meio pelo qual os alunos podem conhecer novas culturas, além de poder despertar o gosto pela leitura. Os textos literários auxiliam no processo de inclusão, como é o caso da literatura surda, que permite aos estudantes ouvintes um contato com a cultura surda e com a língua dessa comunidade. Além disso, essa literatura pode incluir os discentes surdos no âmbito da sala de aula, permitindo que eles se sintam representados e tenham autonomia linguística para exercerem suas individualidades e possam se inserir na sociedade com opiniões críticas e reflexões sobre o contexto social.

Sendo assim, podemos pensar em uma metodologia de ensino da literatura a partir de um viés pedagógico, contemplando a inclusão dos discentes surdos, pois o texto literário permite o contato do aluno com uma realidade diferente da sua, possibilitando que ele se desloque de sua própria realidade existencial, através da ficção, e por ela se sinta representado. Considerando esses aspectos, esta pesquisa

¹ Graduadas em Pedagogia, sendo pesquisadoras em temáticas educacionais.

se baseia nas seguintes indagações: Existe uma literatura surda? Como apresentar essa literatura na sala de aula?

Para responder as respectivas inquietações, o presente trabalho tem como objetivo geral: Perceber a potencialidade da literatura surda como meio de inclusão; e como objetivos específicos: Utilizar multiletramentos para expor a literatura surda na sala de aula e conhecer a cultura e a identidade surda.

Esta pesquisa trata-se de um recorte de um trabalho de conclusão de curso no qual foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, que “[...] visa a abordar o mundo ‘lá fora’ [...] e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais ‘de dentro’ de diversas maneiras diferentes” (GIBBS, 2009, p. 8). Dessa forma, nesse tipo de pesquisa é ressaltada a busca pela interpretação e análise dos materiais estudados.

A pesquisa buscou dar enfoque para a literatura surda e seu possível desenvolvimento em sala de aula. Para tanto, foi feita uma contextualização sobre a literatura surda, assim como focalizou-se nas leis educacionais em torno da Libras. A partir destas questões o desenho “Min e as mãozinhas” foi analisado e sugerido para ser utilizado em sala de aula como promotor para o conhecimento da cultura, identidade surda e a desmistificação da Libras.

A importância desta pesquisa se justifica pelas diferentes possibilidades que o currículo escolar apresenta a literatura, sendo esta, um meio para a disseminação de conhecimento e inclusão. Cabe ressaltar que muitos cursos de licenciatura não apresentam a literatura surda no currículo, e por consequência, os profissionais não têm o conhecimento que existe esse tipo de literatura. Almejamos, assim, com esta pesquisa, a divulgação da literatura surda e sua inclusão na sala de aula, para que os surdos se sintam representados e os ouvintes entendam, respeitem e valorizem essa cultura.

REVISÃO DA LITERATURA

A história dos sujeitos surdos é caracterizada por um longo período de busca incessante por direitos; no entanto, a trajetória deste povo é marcada por sucessivas

marcas de exclusão. Antigamente, eles eram tratados como pessoas inúteis e incapazes de aprenderem, no entanto, foi somente a partir do século XVI, na Europa, que ocorreu uma perspectiva de mudança sobre a educação dos surdos. A França é considerada a pioneira na educação para surdos, pois criou a primeira escola pública em língua gestual, a Língua Gestual Francesa – LSF –. Sendo assim, é provável que a origem da literatura surda tenha se dado na França, já que os surdos se reuniam nos internatos para compartilhar histórias.

Por não existir meios de gravações para a sua disseminação, a literatura surda ficava limitada a um pequeno grupo, no qual os mais velhos contavam, através da sinalização, a sua história cultural particular e passava para os mais novos; por isso, hoje se explica o fato de não haver muitos registros de histórias surdas.

Antes do século XX, a literatura surda se desenvolveu essencialmente em língua de sinais, uma trajetória que passou de geração em geração, sendo o surdo fonte de sua própria história e a cultura. Antes do advento da tecnologia que pudesse registrar em vídeo as histórias contadas pelos surdos, a literatura surda se desenvolveu pela tradição sinalizada (NICHOLS, 2016, p. 53).

A literatura sempre esteve presente entre os povos surdos, mas sua divulgação é um fator recente. Em 2002, foi reconhecida a Língua Brasileira de Sinais – Libras – como língua materna dos sujeitos surdos, de modo que, diante dessa conquista histórica e com o avanço das tecnologias e políticas educacionais, surgiram as primeiras histórias surdas em que todos os surdos e ouvintes poderiam ter acesso através da internet.

Com a chegada das mídias digitais, possibilitou aos surdos uma maior ampliação e expansão da sua cultura de suas literaturas para outras pessoas, tornando-as mais acessíveis, pois a maioria das crianças surdas nascem em lares ouvintes e estes não têm o domínio sobre a língua gestual. Sendo a literatura um meio de compartilhar conhecimentos e proporcionar empoderamento no sujeito, é importante que seja apresentado à criança desde cedo, de modo a garantir que ela tenha o contato com a sua língua materna.

As histórias possuem uma grande carga cultural. Contar histórias serve assim para transmitir uma herança e uma identidade culturais e uma língua ao longo

das gerações [...] A criança surda precisa de ambientes que envolvam a cultura surda, a identidade surda e a língua gestual, logo precisa de contato com adultos surdos diariamente e no máximo de horas (MORGADO, 2011, p. 33).

Diante disso, a literatura tem um poder transformador na vida da criança, pois traz valores culturais intrínsecos da cultura surda, possibilitando o contato com a língua materna e permitindo que o sujeito surdo possa se reconhecer como pertencente a uma comunidade. É necessário que a criança seja inserida nesse meio para assumir seu papel, tendo a capacidade de desenvolver as habilidades de comunicação visual gestual e reconhecendo que a literatura surda pode proporcionar algumas vivências de reconhecimento sobre o que é ser surdo e o que é fazer parte dessa cultura.

As narrativas surdas podem ser encontradas em livros escritos em *signwriting*² ou em vídeos sinalizados, podendo ser traduzidas do português para a Libras, a exemplo dos textos clássicos de Machado de Assis, histórias infantis, entre outros. No entanto, é preciso ressaltar que esses respectivos textos representam uma cultura ouvinte, não tendo, portanto, a cultura surda como representante do contexto literário.

Os textos que não são traduzidos para a língua oral, ou seja, as narrativas que são de origem surdas, interpretadas por surdos na língua de sinais, representam a cultura surda e tem muito prestígio nessa comunidade, pois essa literatura valoriza o espaço comunicativo e mostra a perspectiva da cultura surda através da língua de sinais.

Nessa conjuntura, podemos definir a literatura surda como “produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo lingüístico e cultural diferente” (KARNOPP, 2006, p. 102). Desse modo, a língua gestual é vista como parte representativa do que é ser surdo, que, dialogada com os textos, por meio de estratégias de leitura e escrita, evidenciam as raízes culturais dessa comunidade.

² É um sistema que permite ler e escrever qualquer língua de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral. Ela expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação através de símbolos que são combinados para formar um sinal específico da língua de sinais.

Torna-se importante reiterar que todos os povos têm a sua cultura, e, conseqüentemente, todos possuem uma literatura própria, a qual se relata sobre um determinado período e os costumes de uma população, que é composta por ouvintes e surdos.

Sendo assim, a literatura surda faz parte de uma luta por reconhecimento, marcada por processos históricos, culturais e políticos, que tem como objetivo ser valorizada e respeitada. As narrativas surdas marcam parte de um contexto de exclusão social, por isso a importância de os movimentos surdos lutarem pelo reconhecimento de sua língua.

Através das narrativas que fazem parte da literatura surda, a sociedade pode melhor compreender o universo cultural em que esses sujeitos estão inseridos e suas vivências, pois, muito além da literatura ser um instrumento de autorrepresentação, é um meio para conhecer e respeitar as diversidades existentes.

Desse modo, é importante apresentar a literatura surda no contexto educacional, para que os alunos tenham contato com as diferentes formas linguísticas, conheçam a cultura dos surdos e os respeitem, pois, de acordo com Spence (2021, p. 29): “Através do estudo da literatura em Libras se pode entender progressivamente a cultura e a identidade surdas, a essência do ser surdo e, assim, melhor a Libras”. Dessa maneira, através da literatura surda, é possível conhecer a cultura em que o povo surdo está inserido.

Atualmente, a Lei nº 13.005/2014, colocou em vigência o Plano Nacional de Educação – PNE –. Trata-se de um plano decenal, que estabelece metas, diretrizes e estratégias para o ensino, estando em vigor desde o ano de 2014 até 2024. O plano visa melhorar a educação do país em seus diversos níveis, etapas e modalidades, com base em 20 metas, que devem ser atingidas ao final da vigência do plano.

Com o PNE, a educação especial progrediu consideravelmente em busca de um ensino inclusivo, com metas específicas para esse público. A meta 1 do PNE estabeleceu a universalização da educação até 2016, trazendo como uma das estratégias:

priorizar o acesso à educação infantil e fomentar a oferta do atendimento educacional especializado complementar e suplementar aos (às) alunos (as)

com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, assegurando a educação bilíngue para crianças surdas e a transversalidade da educação especial nessa etapa da educação básica (BRASIL, 2014).

Desse modo, o plano nacional de educação determina o acesso à educação para todos os alunos da educação infantil, garantindo um atendimento especializado complementar e suplementar para estudantes deficientes, neuroatípicos, além de ofertar um ensino bilíngue para os surdos. Esse é um grande marco para a educação inclusiva, principalmente se tratando de alunos surdos, pois o PNE estabelece metas para toda a educação básica nacional, estipulando que até 2016 os discentes surdos tenham a Libras como primeira língua na sala de aula e o português escrito como segunda língua.

Uma das estratégias estabelecidas para alcançar a meta 4 do Plano Nacional de Educação, é garantir aos alunos surdos e com deficiência auditiva, de 0 a 17 anos, o ensino bilíngue em Libras como primeira língua e a modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, assegurando o acesso a salas de aulas bilíngues e escolas inclusivas, com pesquisas destinadas ao desenvolvimento de metodologias inclusivas, materiais didáticos, recursos tecnológicos, para a ascensão do ensino e aprendizagem, garantindo a acessibilidade para os estudantes da educação especial.

Através da Lei 14.191/2021, é alterado a LDB, a qual insere a educação bilíngue para os surdos como uma modalidade da educação básica – antes era integrada como parte da educação especial – a qual garante o direito aos estudantes surdos a um ensino adequado e correspondente a suas peculiaridades linguísticas. De acordo com o art. 60-A:

Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (BRASIL, 2021).

Dessa forma, a LDB garante o ensino para as pessoas surdas através da modalidade da educação bilíngue, assegurando que esses sujeitos tenham o acesso

ao ensino mediante a sua língua materna. Nessa perspectiva, assegura-se também que a sua cultura e identidade espaço visual sejam respeitados, desde os 0 anos, quando iniciado o acesso a língua materna na educação infantil, que se estende ao longo da vida desses alunos. No ato da matrícula em escolas regulares, a instituição deve oferecer apoio especializado, com oferta de materiais didáticos adequados e professores bilíngues capacitados as especificidades desse público.

Todavia, ainda vemos um despreparo tanto por parte da escola, como também pelos professores para atender a esse público específico. O docente regente da sala de aula não tem o domínio necessário e transfere a responsabilidade da transmissão do conteúdo para o especialista da sala de recursos multifuncionais. Dessa forma, no caso de alunos surdos, na maioria das vezes a comunicação para o ensino e aprendizagem se dá através do tradutor em Libras, pois o professor não tem o conhecimento para dialogar com esses discentes.

Diante disso, faz-se necessário pensar em práticas pedagógicas que incluam o sujeito e universo surdo na sala de aula. Assim, por meio de materiais didáticos, é possível apresentá-los aos estudantes ouvintes, para que eles compreendam a maneira linguística de comunicação através da língua de sinais, garantindo o que está disposto na lei sobre a inclusão, acerca das metodologias voltadas para o ensino dos surdos e o acesso aos recursos didáticos destinados à educação inclusiva.

ANÁLISE DOS DADOS

“Min e as mãozinhas” é o primeiro desenho produzido em âmbito nacional, integralmente em Libras. Yasmin, mais conhecida por Min, é a protagonista da história; ela é uma garotinha surda, que se comunica por meio da língua de sinais. O enredo gira em torno dela e seus amigos, o qual mostra a cultura surda através do dia a dia dos personagens. Para a execução da proposta, pensamos na realização de cinco encontros semanais, os quais, em cada encontro, seriam exibidos em sala de aula episódios do desenho para o ensino fundamental II, de modo que, a partir de cada episódio visto do desenho, seria trabalhado uma temática envolvendo os sinais da Língua de Sinais Brasileira.

O primeiro momento será introdutório; o docente poderia explicar como ocorrerá os encontros, fazendo, em seguida, um levantamento sobre os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do universo surdo. O professor sugere que cada encontro esteja relacionado a uma temática. O primeiro encontro será intitulado “Qual o seu nome em Libras?”. Para esse momento, é necessário que o professor imprima o alfabeto na Língua de Sinais Brasileira e cole no quadro ou na parede, para que os alunos visualizem os sinais e aprendam as letras.

No encontro seguinte, o docente apresentará o primeiro episódio de “Min e as mãozinhas”, momento em que a protagonista ensina a seus amigos como é o nome de cada um na Língua de Sinais Brasileira.

Figura 4 — Episódio 1: Min e as mãozinhas



Fonte: Min... (2018).

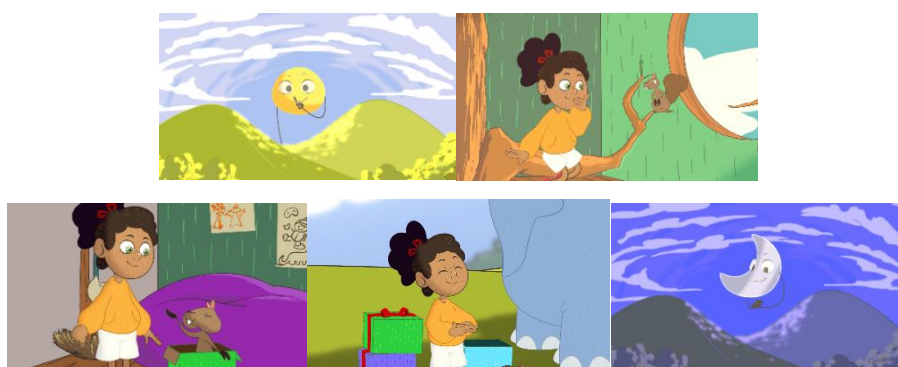
No desenho, os amigos de Min descobrem que ela é surda quando eles falam e percebem que ela não ouve; diante disso, ela os ensina como devem se comunicar. É importante deixar que os alunos deem a sua perspectiva e falem se conseguiram compreender o desenho; quais elementos fazem parte da cultura surda, se é diferente da cultura ouvinte, e se caso encontrasse alguém surdo, saberiam se comunicar? Diante disso, o professor poderia fazer um momento de reflexão sobre a importância que a língua exerce na nossa vida.

Percebe-se que são várias temáticas que podem ser abordadas com o desenho para a execução da sequência didática, de modo que o episódio posterior vai consolidando o conhecimento do anterior. Dessa forma, tanto no episódio 1 (figura 4)

como no episódio 2 (Figura 5) é mostrado as saudações em Libras, entretanto, as saudações serão estudadas mais detalhadamente no segundo dia, denominado “Conhecendo as saudações e os números”.

Na aula posterior, o mediador apresentará as saudações e os números em Libras aos alunos, para isso, será exibido o episódio 2 (Figura 5) e o 3 (Figura 6) do desenho “Min e as mãozinhas”.

Figura 5 — Episódio 2: Min e as mãozinhas



Fonte: Presente... (2019).

No episódio 2 (Figura 5), os alunos poderão compreender melhor os sinais das saudações. Desse modo, o professor pode começar a aula sinalizando, para observar se os alunos entendem os sinais correspondentes ao sinal apresentado: “bom dia”, “oi”, “obrigado”, “de nada”, “boa noite”. Diante disso, o mediador vai ampliando o conhecimento dos estudantes em relação a língua de sinais e a sua cultura, pois trata-se de uma língua gestual visual.

Em seguida, o regente apresentará o episódio 3 (Figura 6), no qual aparecerá novos sinais. Nessa aula, o professor apresentará aos discentes o aplicativo Hand Talk, que é um aplicativo com intérprete 3D, o qual traduz textos e áudios para a Língua Brasileira de Sinais. Esse episódio faz uma intertextualidade com o Hugo, o intérprete do aplicativo, sendo importante que o mediador instigue para saber se os alunos conhecem esse aplicativo ou outro que faz tradução para a Libras.

Figura 6 — Episódio 3: Min e as mãozinhas



Fonte: Presente... (2019).

Nessa aula, os alunos terão o primeiro contato com os números na Libras. Para que isso ocorra, o mediador deverá imprimi-los e colocar em um lugar de fácil visualização para os discentes. Ainda no que se refere ao desenho, aparecerá também o sinal de boa tarde, tornando-se necessário que o professor deixe que os alunos discutam tais sinais através do contexto do desenho. O sinal de boa tarde, por exemplo, aparece logo após o relógio marcar 1h, dando indícios que se trata do turno vespertino, pois Min e o esquilo estão na rua comprando um presente, quando se encontram com o personagem Hugo e se cumprimentam. Dessa maneira, torna-se importante atentar para as imagens visuais.

O quarto encontro será intitulado “Que cores são essas?”. Nessa aula, os estudantes aprenderão as cores com o auxílio do desenho. O mediador começará a aula formando duplas com os alunos, exibindo, em seguida, o quarto episódio de “Min e as mãozinhas”.

Figura 7 — Episódio 4: Min e as mãozinhas



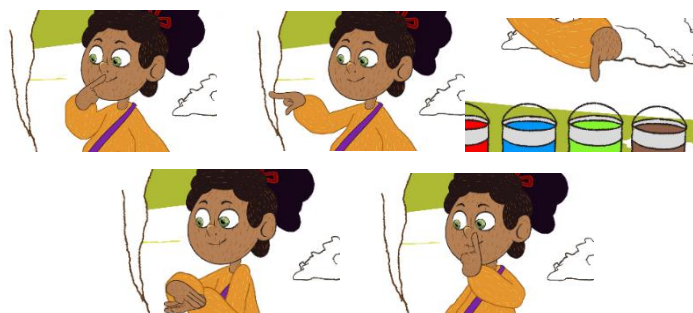
Fonte: Cores... (2020).

Nesse primeiro momento, após assistirem ao episódio (Figura 7), é importante que os alunos percebam as expressões faciais dos personagens, pois a língua de sinais não diz respeito só ao sinal, as expressões também são partes integrantes e

indissociáveis da língua que correspondem à sua estrutura. As expressões faciais auxiliam na interpretação e no ato comunicativo, expressando o estado emocional que o indivíduo quer transmitir ao seu receptor. Portanto, as expressões faciais são denominadas expressões não manuais, que participam da construção do significado linguístico e fazem parte da cultura surda.

Após o professor explicar e ressaltar sobre a importância que as expressões faciais têm na língua de sinais, ele apresentará as cores e perguntará aos alunos se eles conseguiram entender o significado dos sinais através do contexto criado pelo desenho.

Figura 8 — Episódio 4: Min e as mãozinhas



Fonte: Cores... (2020).

Nesse episódio (Figura 8), o esquilo derruba um balde de tinta branca na floresta e pede ajuda a Min para resolver esse problema. Ela chama seus amigos para ajudá-la a colorir, e a cada cor que ela vai mostrando, vai fazendo o sinal correspondente na Libras; vermelho, azul, verde, marrom e o amarelo. Os alunos podem perceber que alguns sinais correspondem a uma característica da palavra; por exemplo, o sinal vermelho é feito com o dedo indicador encostado na boca, o qual representa a cor do lábio; o sinal verde é realizado com uma mão sinalizando a letra V, em movimento de vai e vem em cima do dorso da outra mão.

Ainda no que se refere aos encontros, o professor pede as duplas que façam um diálogo na Língua de Sinais Brasileira com os sinais que aprenderam, podendo utilizar o aplicativo Hand Talk para auxiliar nessa conversa. O último encontro seria realizado no pátio da escola, intitulado “Encontro entre culturas”. A sua realização

poderia acontecer contando com a participação de uma pessoa surda e um intérprete (que poderia ser alguém da família que sabe a Libras). Nesse momento, poderia ser feito um piquenique com os alunos e os convidados, abrindo espaço para que os estudantes ouvintes pudessem dialogar com o surdo, utilizando os sinais que aprenderam no decorrer das aulas. Assim, os discentes poderiam conhecer melhor a cultura e a identidade surda, possibilitando também, ao final do encontro, que o surdo dê um sinal a cada participante do encontro, correspondente ao seu nome na Libras.

Sendo assim, destaca-se, a importância ressaltar, o poder transformador que a literatura tem na vida das pessoas, na medida em que, por meio desta, o sujeito pode conhecer novas culturas e outros períodos históricos, ampliando seu conhecimento de mundo e respeitando as diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou reconhecer a importância da literatura surda em sala de aula, tanto para os alunos surdos terem direito a uma literatura representativa, como para os discentes ouvintes compreenderem e conhecerem a cultura surda, pois o texto literário tem um grande teor de humanização, e, com isso, possibilita um acolhimento as minorias.

Portanto, a partir de discussões levantadas neste trabalho, pode-se perceber a capacidade transformadora que o texto literário tem na vida das pessoas, capaz de contribuir para a formação cidadã e crítica do aluno, proporcionando conhecimentos sobre novas temáticas, incluindo aspectos relacionados ao que o leitor pensa sobre si mesmo, o que reforça a necessidade de o ensino da literatura ser enfatizado de uma forma que possa contemplar os aspectos sociais que nele refletem.

Diante disso, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para o ensino da literatura surda em sala de aula, de maneira que vise auxiliar o professor em sua prática pedagógica inclusiva e possa atender os alunos surdos. Posto isto, este trabalho pode abranger diferentes modos de ensinar e se caracteriza também por trazer novas temáticas para futuras pesquisas, pois é possível ampliar a sequência

didática fazendo intertextualidade com outros textos, além de ser possível de apresentar a continuidade do desenho “Min e as mãozinhas”.

REFERÊNCIAS

BRANCA de Neve em Libras. Produção: Colégio Rio Branco. [S. l.]: YouTube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3nztijSc7vo>. Acesso em: 8 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.005/2014, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25 jun. 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 30 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 1 maio 2003.

CORES sumiram. Produção: Min e as mãozinhas. [S. l.]: YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IFGtxNYiGAc>. Acesso em: 18 maio 2023.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos.** Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 98-109, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/795/810>. Acesso em: 15 abr. 2023.

MIN e as mãozinhas. Produção: Min e as mãozinhas. [S. l.]: YouTube, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo&list=PL9WkXHEPVyMeyvYIHgLwshMc5_OWcDx2o. Acesso em: 10 abr. 2023.

MORGADO, Marta. **Literatura das línguas gestuais.** Lisboa: Universidade Católica, 2011. v. 11.

NICHOLS, Guilherme. **Literatura Surda:** além da língua de sinais. 2016. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5820962/mod_resource/content/1/Literatura%20Surda%20--%20al%C3%A9m%20da%20l%C3%ADngua%20de%20sinais%20%28Nichols%2C%202016%29.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

PRESENTE Surpresa. Produção: Min e as mãozinhas. [S. l.]: YouTube, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3THhbtzyw_Y. Acesso em: 15 maio 2023.

PRESENTE. Produção: Min e as mãozinhas. [S. l.]: YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rgphn9dLAz4>. Acesso em: 12 maio 2023.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em libras**. Tradução de Gustavo Gusmão. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2021. Disponível em: http://files.literaturaemlibras.com/Literatura_em_Libras_Rachel_Sutton_Spence.pdf. Acesso em: 24 abr. 2023.